



Boletim Cultural

O Marambiré

Arte – Cultura – Folclore – História – Literatura – Meio Ambiente



ANO I – NÚMERO 1 • 10 DE JANEIRO DE 2011 • EDITOR: LUIZ ISMAELINO VALENTE • E-MAIL: ISMAELINO@TERRA.COM.BR

Apresentação

O boletim cultural **O Marambiré**, ora lançado, constituirá um veículo de divulgação de notícias, em geral, e, em particular, das idéias e opiniões do seu editor sobre temas de interesse público, com enfoque especial sobre a arte, a cultura, o folclore, a história, a literatura e o meio ambiente de Alenquer, sua cidade natal. Será, portanto, um veículo de defesa e de valorização do bem comum, e, também, um veículo de comunicação totalmente aberto, sem preconceito de qualquer espécie, às críticas e opiniões dos leitores, que poderão manifestar-se por meio do correio eletrônico indicado no cabeçalho, reservando-se, contudo, o editor, o direito e o dever de desconsiderar e não publicar mensagens

anônimas ou ofensivas a pessoas e instituições ou que agridam à ética, à lei e à moral. A periodicidade do boletim será, em princípio, mensal, mas poderá, excepcionalmente, circular em menor ou maior espaço de tempo, dependendo da necessidade e das possibilidades do editor. Sua distribuição far-se-á, preferencialmente, por mala direta, encaminhada aos interessados por e-mail, mas a sua divulgação também poderá ocorrer em sítios pré-selecionados da *internet*. Espera o editor contar com a compreensão, a boa vontade e a colaboração de todos os seus eventuais leitores, a fim de que o boletim, de alguma forma, possa ter, para a coletividade, um mínimo de utilidade.

Luizinho Siqueira – Alenquerense de Visão 2010



Em 15 de março de 2010 os alenquerenses José Luiz Corrêa, Luiz Ismaelino Valente, Luiz Potyguara Martins de Siqueira e Roberto da Cruz Mesquita fundaram, em Belém do Pará, o **MCA – Museu da Cidade de Alenquer**, solenemente instalado, no dia 10 de junho de 2010, data do aniversário da *Princesa do Surubiú*, à rua Rosomiro Batista nº 445, no bairro central de Alenquer, em imóvel gentilmente cedido por seu proprietário, o senhor Luiz Mota de Siqueira Filho.

Todo o precioso acervo inicial do **MCA** foi adquirido por meio de doações de inúmeros membros da colônia alenquerense radicados não só no município, mas, também, em outras cidades como Belém, Curuá e Manaus.

Pinturas de Guttemberg Senna, Anita Panzuti, José Luiz Corrêa, Walniro Souza e Mauro Leite; livros de autores alenquerenses; documentos históricos; maquinários diversos, instrumentos musicais e variados objetos e utensílios domésticos – um belo e rico documentário do passado da nossa gente –, têm sido avidamente apreciados por mais de 3.480 pessoas que já visitaram o Museu desde a data da sua instalação, há apenas seis meses.

Também enriquece o patrimônio do **MCA** o conjunto inicial de 16 placas com o resumo biográfico de “vultos notáveis do passado”, aqui listados por ordem de nascimento: Fulgêncio Firmino Simões, Theodozio (“Dudu”) Baptista Bentes Valente, Alcides Gentil, Favilla Gentil, Raymundo Peres, João Tito Alves de Souza, Janary Gentil Nunes, Isolina D’Assumpção Lopes Valente, José Raphael Baptista Valente, Coaracy Gentil Monteiro Nunes, Antônio Mesquita de Souza, José Cardoso Simões, Arnaldo Moraes Filho, Benedicto Wilfredo Monteiro, Octávio Proença de Moraes e Antônio Aldo

Arrais, cujos trabalhos e amor a Alenquer engrandecem o nosso passado e constituem um exemplo a ser seguido pelas atuais e futuras gerações de chimangos.

O inegável sucesso do empreendimento vem demonstrar, sem a menor sombra de dúvida, não só o acerto da ideia dos seus quatro fundadores, como, também, e principalmente, a extraordinária visão de futuro do alenquerense Luiz Mota de Siqueira Filho que, aos 102 anos de idade e plenamente lúcido, possibilitou a realização do sonho de todos nós ao ceder, generosamente, sem qualquer ônus, os dois cômodos principais de sua própria residência familiar para que neles fosse insta-

lada a sede provisória do MCA. Luizinho Siqueira, como era mais conhecido pelos seus conterrâneos, faleceu em 22 de outubro de 2010, mas, antes, teve, talvez, uma de suas maiores alegrias na vida: mesmo se locomovendo numa cadeira de rodas, a ele coube a primazia de descerrar a fita inaugural do MCA. Ele foi, portanto, o **Alenquerense de Visão 2010**. O seu sorriso, pleno de satisfação, ao receber das mãos dos fundadores do Museu o título de Sócio Colaborador nº 01, estará sempre pairando sobre a porta de entrada do MCA e, com certeza, servirá de incentivo para todos aqueles que ajudaram a erguer e que ajudarem a manter esse projeto tão significativo para Alenquer.

O Marambiré do Pacoval de Alenquer – Patrimônio Artístico e Cultural do Estado

O **Marambiré** é uma bela manifestação folclórica típica da famosa vila do Pacoval, município de Alenquer, no Pará. Os dicionários não registram a etimologia do vocábulo **Marambiré**, que só foi dicionarizado a partir da 11ª edição (2002) do *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo, com o seguinte verbete: “**Marambiré**. Dança de cunho religioso, o *marambiré* ou *sangambira*, como também é chamado no Pacoval, município de Alenquer, no Pará, teve sua origem em mocambo, depois de terem os negros fugido da casa de Maria Macambira, em Santarém. A dança cultua São Benedito por meio de cantos simples que retratam o cotidiano (Lygia Conceição Leitão Teixeira, em *Marambiré – o Negro no Folclore Paraense*, Belém, 1989).”

Na verdade, até o terceiro quartel do século XIX, os negros escravos evadidos das fazendas de Santarém, como as que pertenceram à dona Maria Margarida Pereira Macambira, famosa por castigar seus servos com “salga” (salga ou salgadura = ato de salgar; diziam os mocambeiros que Maria Macambira punia os seus escravos mandando retalhar suas nádegas e passando sal grosso nos cortes), procuravam estabelecer-se em acampamentos provisórios (*quilombos*) na região das corredeiras e cachoeiras – as chamadas “águas bravas” – dos rios Curuá e Mamiá, dentre outros. Eram locais de difícil acesso, onde as diligências policiais de captura dos evadidos não conseguiam chegar.

Em março de 1876 o major Luiz de Oliveira Martins, de apelido Martinho Beato, delegado de polícia de Alenquer, conseguiu, entretanto, prender



135 quilombolas do Curuá, recambiando-os para Belém, onde, depois de mais de um ano, foram todos julgados e libertados. Muitos dos libertos voltaram para junto dos que tinham escapado da prisão efetuada pelo major e já haviam se estabelecido, agora em caráter permanente (*mocambo*), em um lugar mais aprazível e mais acessível, à margem direita do rio Curuá – em “águas mansas” –, hoje conhecido como vila do Pacoval, notabilizada pela prática da *mandinga*, pela fabricação de uma bebida, de fórmula até hoje secreta, conhecida como o *remédio dos pretos*, poderoso soro contraveneno de ofídios e animais peçonhentos, muito elogiado pelo cientista Vital Brasil, do Instituto Butantã (SP), e, *last but not least*, pelo **Marambiré**.

Há uma *lenda* (ou será um caso real?) segundo a qual o jovem mocambeiro Assis, morador do Pacoval, casou-se com uma bela moça branca, de nome Rosa, rica e orgulhosa herdeira de comerciantes portugueses de Belém. Ao passar férias em Alenquer, no casarão da família Corrêa (mais tar-

de residência de Colombiano Marvão e sua família), na antiga rua da Praia (depois rua da Frente, mais tarde avenida Getúlio Vargas e hoje avenida Benedito Monteiro), Rosa teria feito pouco caso do pretendente, mas não demorou a ceder ao poder do *feitiço* que lhe pôs Assis, com quem foi morar no Pacoval até morrer em idade provecta.

O *cordão* ou a *dança* do **Marambiré** é praticada todos os anos entre o Natal e o dia 6 de janeiro (Dia dos Reis e de São Benedito, padroeiro do bairro da Luanda), estendendo-se quase sempre até 20 de janeiro (Dia de São Sebastião, padroeiro do bairro do Aningal), e também em junho, durante as festas de Santo Antônio (padroeiro de Alenquer e do Pacoval).

Os trajes dos dançarinos são bem modestos (na verdade, são as *roupas de domingo* dos participantes), porém realçados por cocares e fitas de papéis coloridos, espelhos e imitações de penas de pássaros (as penas originais de pássaros deixaram de ser usadas só recentemente, quando os mocambeiros passaram a ter *consciência ecológica*).

O ritmo da dança provém de tambores, pandeiros, cavaquinho e violão. As letras das músicas, de estrutura muito simples, quase simplória, têm conotação religiosa (invocando principalmente São Benedito) e ao mesmo tempo rendem tributo à nobreza (ao Rei e à Rainha do Congo e seus *vassallos*, que, por corrupção lingüística, operada ao longos dos tempos, hoje muitos chamam *valsares*).

“O *cordão* do **Marambiré** ou *Sangambira* é um culto, uma dança, uma brincadeira ou uma manifestação de fé?” – pergunta Euripedes A. Funes no capítulo *O Pacoval do Marambiré, do contra-veneno, Pacoval dos mocambeiros*, parte de sua tese de doutorado na USP intitulada “*Nasci nas Matas, Nunca tive senhor*” – *História e Memória dos Mocambos do Baixo Amazonas* (1995). E ele mesmo responde: “Na verdade é tudo isso e muito mais. É símbolo de

um sincretismo religioso e cultural; é síntese da história da gente do Pacoval.”

O **Marambiré** é conhecido também no Flechal (Óbidos) e em Alter-do-Chão (Santarém), onde é chamado *muirambiré*. Mas, no dizer do maestro Adelermo Matos, estudioso da música e do folclore paraenses, “o autêntico **Marambiré** é o que se pratica na vila de Pacoval de Alenquer”, declarado Patrimônio Cultural e Artístico do Pará, como “expressão artística e cultural do Município de Alenquer” (Lei nº 7.113, de 19 de março de 2008).

No começo da década de 1970 o editor do boletim escreveu um poema musicado por seu irmão, o médico Francisco Flaiury Valente, com o nome de **Marambiré**. A composição foi incluída no CD “Viva Alenquer” (2002, apresentado pelo escritor Benedito Monteiro). Sua primeira execução pública, com arranjo do maestro Anselmo de Jesus Queiroz da Costa, ocorreu na posse do editor do boletim no cargo de Corregedor-Geral do Ministério Público do Pará, no auditório “Nathanael Farias Leitão”, no edifício-sede do Ministério Público em Belém, no dia 9 de janeiro de 2002.

Na música, Flaiury buscou acentuar o ritmo inconfundível do **Marambiré**, talvez enraizado no *lundu* – matriz de tantas outras danças folclóricas de inspiração africana no Pará.

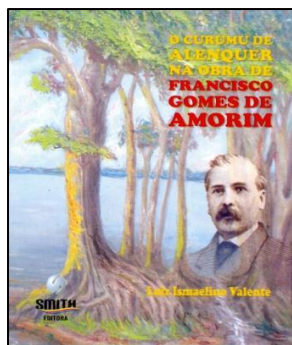
Na letra, o editor do boletim procurou evocar o mais rico legado cultural do mocambo do Pacoval: seu *remédio dos pretos*, sua *mandinga*, o **Marambiré** e a belíssima e inconfundível *história de amor* de Dona Rosa e Assis.

Muitos participantes do **Marambiré** de Alenquer sobrevivem no rico cenário da nossa infância: “Seu” Aralto, “mestre” Eládio, Dona Coroca, velho Árgeo Milharal, Raimunda e Rufina Poeira, Carolino, Inácio, Santa Rita, Dona Cruzinha (ou Cruizinha, como é mais conhecida) – e “tanta gente que o tempo não esquece jamais!”

(Re)descobrimo o poeta, romancista e teatrólogo Francisco Gomes de Amorim

Quando o editor do boletim lançou em Alenquer, no dia 11 de junho de 2010, seu livro *O Curumu de Alenquer na Obra de Francisco Gomes de Amorim* (Belém: Smith Editora, 152 páginas), jamais pensou que sua obra fosse ser tão bem recebida... em Portugal. Por mais de três anos o autor lutou contra toda sorte de dificuldade e a absoluta escassez de material de pesquisa sobre Francisco Gomes de Amorim, o prolífico escritor lusitano nascido em

13 de agosto de 1827 em Aver-O-Mar (Póvoa de Varzim, Portugal), que, apesar de ter vivido quase uma década na Amazônia, e, de 1840 a 1843, em Alenquer, já estava absolutamente esquecido, tanto em Alenquer, como no Pará. O livro do editor do boletim causou, portanto, absoluta surpresa aos que presenciaram seu lançamento no templo da Loja Maçônica Fraternidade Alenquerense nº 11, seguido de sessão de autógrafos em meio a um



coquetel dançante oferecido pelos maçons na sede social do União Esportiva. Por intermédio do bisneto homônimo do escritor, o Eng^o Francisco Gomes de Amorim, 79 anos, radicado em Jacarepaguá (RJ), casualmente encontrado e contatado pela *internet* –

ele próprio muito gentil e solícito em prestar informações complementares sobre a vida e a obra do bisavô –, o editor do boletim estabeleceu intensa e proveitosa troca de e-mails com intelectuais portugueses especialistas em Gomes de Amorim.

■ O bisneto do poeta escreveu ao autor: “Este seu *O Curumu de Alenquer...* teve para mim um interesse especial, ao ver que, finalmente, se começa a conhecer um *garoto* que tanto e tão intensamente viveu *na e a* Amazônia. Francisco Gomes de Amorim sempre se mostrou muito carinhoso com o povo, sobretudo de Alenquer, e toda a sua obra trata com rara sensibilidade os tempos que viveu entre “os selvagens”, e isto é muito bem apresentado em *O Curumu de Alenquer...*, muito bem escrito, com uma sequencia que não permite que se possa deixar para ler as páginas seguintes... mais tarde! Com essa habilidade, soube-me melhor do que nunca voltar a ler o [poema] *Adeus ao Pará* e cada vez mais fazer crescer dentro de mim a vontade de ainda visitar Alenquer.”

■ José Rodrigo Carneiro da Costa Carvalho, autor da mais alentada biografia de Francisco Gomes de Amorim (*Aprendiz de Selvagem – O Brasil na vida e na obra de Francisco Gomes de Amorim* – Porto/Portugal: Campo de Letras, 2000, 749 páginas), disse compreender as dificuldades do editor do boletim para escrever sobre Gomes de Amorim, pois ele próprio fartara-se “de bater com o nariz sei lá em quantas portas” sem obter informações. “A leitura de *O Curumu de Alenquer...*”, escreveu Costa Carvalho, “foi para mim manteiga em focinho de cão, uma delícia!” Para ele, “o melhor de Francisco Gomes de Amorim, o mais suculento e o mais genuíno da sua literatura” está, precisamente, “no vasto e riquíssimo Amazonas dos seus escritos sobre as suas andanças na selva”.

■ Por e-mail, Manuel Gomes da Torre, também nascido em Aver-O-Mar, professor e doutor em lingüística aplicada, da Universidade do Porto, declarou ao editor do boletim: “Fui muito agradavelmente surpreendido pela chegada do seu *O Curumu de Alenquer na obra de Francisco Gomes de Amorim*. Li-o de um fôlego, sempre com grande interesse e proveito, dado o empenho do autor na procura de justiça para que a obra espantosa de Gomes de Amorim seja devidamente considerada pelos actuais alenquerenses. Ninguém adivinharia que o menino de 10 anos, quase analfabeto, sofresse, no curto período de nove anos, a transformação de que a sua vasta obra é testemunha eloquente. E Alenquer foi o cenário principal dessa transformação.”

■ Por coincidência, *O Curumu de Alenquer...* chegou a Biblioteca Municipal “Rocha Peixoto”, de Póvoa de Varzim, onde se localiza a vila de Aver-O-Mar, terra natal do escritor lusitano, às vésperas do lançamento da 2ª edição de *As Duas Fiandeiras*, romance de costumes populares (1881) de Francisco Gomes de Amorim, em concorrida sessão literária realizada no dia 18 de dezembro de 2010. Nessa ocasião, a professora Maria da Conceição Gonçalves Nogueira, autora da introdução crítica à reedição, destacou a feliz coincidência do lançamento de *O Curumu de Alenquer...* e de *As Duas Fiandeiras*, finalizando assim o seu discurso: “Acabara já de redigir estas palavras, quando o Dr. Manuel Costa me pôs entre as mãos dois e-mails vindos do Brasil, do passado dia 8, trocados entre Luiz Ismaelino Valente, autor do livro *O Curumu de Alenquer na obra de Francisco Gomes de Amorim*, lançado no passado mês de junho, em Alenquer (Pará) e Francisco Gomes de Amorim, bisneto do nosso escritor avelomarense, residente no Rio de Janeiro. Foi com verdadeira emoção que li a notícia de um jornal local, sobre o lançamento do livro, em que se destaca o amor de Francisco Gomes de Amorim por Alenquer, a “povoaçãozinha” que o recebeu na infância e por ele imortalizada nas suas obras. Como nos impressiona e honra verificarmos a divulgação do nome e obra de um nosso conterrâneo! Lá longe, no Pará – Belém e Alenquer, em plena Amazônia –, também, se lê e reedita Francisco Gomes de Amorim!...” ■